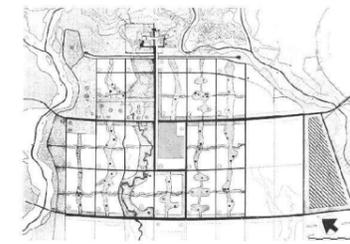
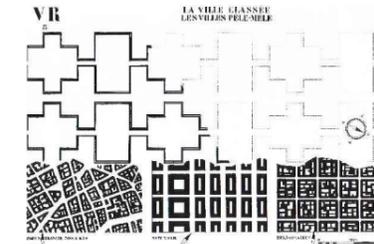




01. Planta washigton DC, USA.



02. Planta Chandigarh, Índia.



03. Esquema de Le Corbusier.

1. Citação do autor Ressano Garcia, em Morfologia urbana e desenho da cidade, 1994, p.8.

1. Definição/ Morfologia

(...)“O quarteirão é um contínuo de edifícios agrupados entre si em anel, ou sistema fechado e separado dos demais; é o espaço delimitado pelo cruzamento de três ou mais vias e subdivisível em parcelas de cadastro (lotes) para construção de edifícios também um modelo de distribuição de terra por proprietários fundiários. Como é também o modo de agrupar edifícios no espaço delimitado pelo cruzamento de traçados. (...)”¹

A partir da definição de quarteirão de Ressano Garcia, definiria quarteirão como um limite. Um limite de origem espontânea, ou planeada, que é ladeado por vias de comunicação rodoviária/pedonal. É, portanto, um espaço de quebra da mobilidade urbana, onde existe uma formação arquitectónica de cheio, que por sua vez poderá prossupor um vazio. Esse espaço, o vazio, que se encontra delimitado periféricamente, permanece distante dos olhares e da agitação urbana. Poderá ser parte integrante desta, através de estratégia ou necessidade urbana, deixando de ser, como na maioria dos casos, “pertença” do limite traseiro da arquitectura.

Ao longo da história e na maioria das cidades europeias, o sistema de quarteirão pronunciou-se através de um processo geométrico elementar. Desta forma, numa estrutura planeada poderão ser utilizados “quarteirões-tipo” que em conjunto desenham um padrão regular. Estes, podem assumir diferentes dimensões e poderão variar de acordo com o local e usos em questão. Poderão também ser resultado do desenho de traçados rodoviários/pedonais, adquirindo por isso, formas mais irregulares.

Os quarteirões “ímpares”, os de formação espontânea, serão aqueles que, sem nenhum plano, se foram edificando de acordo com as emergências e gostos pessoais/ sociais, associados à topos. Esta não tipologia, se assim lhe poderemos chamar, define a malha de grande parte dos centros históricos no mundo.

Ambos os padrões coexistiram ao longo dos tempos um pouco por todos os

2. Cidade jardim. O livro “To-morrow” (chamado “Garden-cities of To-morrow” na segunda edição, em 1902) apresentou um breve diagnóstico sobre a superpopulação das cidades e suas consequências. Segundo ele, essa superpopulação era causada sobretudo pela migração proveniente do campo. Era, portanto, necessário equacionar a relação entre a cidade e o campo.

Howard (1996) fez uma síntese das vantagens e dos problemas tanto de um ambiente como de outro.

3. O depoimento de Jean Baudrillard, em *América*, revela-se um importante contributo no entendimento do pensamento, Americano e Europeu, intrínseco ao planeamento das próprias cidades. “(...) America has no past and no founding truth. Having known no primitive accumulation of time, it lives in a perpetual present. Having seen no slow, centuries-long accumulation of a principle of truth, it lives in perpetual simulation, in a perpetual present of signs. It has no ancestral territory.” P.76

mundo. No velho continente, a evolução do quarteirão enquanto elemento gerador de malha urbana, teve o seu expoente máximo, apenas nos finais século XIX. Cidades europeias, como Barcelona, Paris e Lisboa, concretizaram novos pensamentos de regeneração e expansão da malha urbana, através de urbanistas como Cerdá, Haussman e Ressano Garcia. Pensamentos esses, que previam para além de novos modos de habitar a cidade, a concretização de novos eixos e atravessamentos urbanos apelando à introdução de espaços verdes e ao alargamento das ruas. No entanto, o sistema de quarteirão foi levado à exaustão em cidades planeadas, emergentes no início do século XIX, nos continentes americanos e asiáticos. São exemplo, a cidade de Chandigarh, na Índia, planeada pelo arquiteto Le Corbusier (Fig. 02), Washigton DC (Fig. 01)

Durante o século XX, foram desenvolvidas e concretizadas novas abordagens de cidade, baseadas no ideal de cidade Jardim,² de Howard e Corbusier. Nestes novos traçados, o quarteirão acabaria por não existir, dando maior importância ao edifício e a sua implantação em espaços verdes.

Cidade Americana Vs Cidade Europeia³

Entre continentes distam largos séculos de história e conseqüentemente, legado arquitectónico. A abordagem de um europeu é na sua grande maioria, muito diferente da abordagem de um americano, em qualquer que seja a temática. Na arquitectura o reflexo de ambas as culturas está intrínseco na construção das próprias cidades, onde, por um lado, a Europa que possui um legado arquitectónico de excelência, consome intervenções contidas que são reflexo do existente. Enquanto que, a América pela sua liberdade no território, reflete essa mesma liberdade no pensamento da arquitectura, cidades construídas de raiz, de grandes dimensões, de liberdade formal, ou seja, as cidades são vistas como laboratórios, verdadeiros espaços de experimentalismo.

Figura 01. Plano da cidade de Washington, D.C. E.U.A, 1791. Cidade Planeada de Raiz por Pierre L'Entan.
Figura 02. Plano de Le Corbusier para a cidade de Chandigarh, Índia, 1950. Figura 03. Diagrama de Le Corbusier. Comparação entre malhas urbanas de várias cidades e uma proposta de diagrama ideal. Pretendia-se a criação de espaços verdes e avenidas largas, invés do esquema ortogonal tradicional.